

Interdiscusividade e Argumentatividade: A Construção do Discurso Feminino

Irene de Lima Freitas

La vie est dialogique par nature. Vivre signifie participer à un dialogue, interroger, écouter, répondre, être en accord, etc.¹

Resumo

A contínua retomada do discurso do outro em práticas discursivas de diferentes esferas da atividade humana incita o interesse do analista do discurso na investigação da força argumentativa ligada a essa pluralidade de vozes. Esse artigo tem por objetivo discutir o papel dos mecanismos lingüístico-discursivos de interdiscursividade utilizados como forma de argumentação/persuasão e o modo como esses mecanismos constroem pontos de vista sobre o mundo e contribuem para a constituição dos discursos, dos sujeitos e das identidades, tomando-se como corpus de estudo um conjunto de textos publicados em revistas direcionadas a adolescentes do sexo feminino.

Palavras-chave

Discurso feminino. Gênero. Interdiscursividade. Argumentatividade. Construção de sentidos.

Abstract

The continuous retaken of the other's speech in discursive practices of different areas of the human activity incites

Doutoranda em Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica PUC-SP. Bolsista CAPES. Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Professora de Linguística, língua portuguesa, linguagem jurídica, comunicação oral e escrita e disciplinas afins na Universidade de Uberaba-UNIUBE, onde também coordena o curso de Pós-graduação *lato sensu* Linguística e Ensino de Língua Moderna.

¹BAKHTINE, Mikhail. Esthétique de la création verbale. Trad. do russo d' Alfreda Aucouturier. Paris : Gallimard, 1984, p.103.

Recebido em 30/06/2010. Aprovado em 30/09/2010

² AMORIM, Marília. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, Maria Teresa; SOUZA, Solange Jobim; KRAMER, Sônia (org). *Ciências humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2003, p.18.

the interest of the speech analyst in the investigation on the argumentative power linked to this plurality of voices. This article aims at discussing the role of the linguistic-discursive mechanisms of interdiscursiveness used as a form of argumentation/persuasion and the way these mechanisms construct points of view about the world and contribute to the constitution of speeches, subjects and identities, taking as corpus of study a set of texts published in magazines which are directed to female adolescents.

Key Words

Female speech. Gender. Interdiscursiveness. Argumentativeness. Sense construction.

O Dialogismo do Discurso

A mídia impressa - em especial revistas femininas direcionadas a jovens adolescentes - faz circular estratégias discursivas em textos marcados por uma interação cordial entre escritor/leitor e produzem efeitos de sentido que merecem ser analisados. Tais textos constituem um gênero discursivo que deixa em evidência as ações que devem ser feitas pelo destinatário – garotas adolescentes - , apresentam uma variedade de intertextos de diferentes *esferas da atividade humana* e, de certa forma, utilizam estratégias argumentativas com o objetivo de envolver o interlocutor, como participante ativo na produção e recepção desse discurso, pretendendo convencê-lo, persuadi-lo e levá-lo à adesão a um ponto de vista.

Os mecanismos utilizados pelas revistas - no diálogo escritor/leitor - remetem à *Teoria Dialógica do Discurso* - Bakhtin e seu Círculo - cujas abordagens consideram o discurso como um acontecimento que se produz como um ato num contexto singular e irrepetível em que a diferença de valores desempenha papel fundamental na produção de sentido²; consideram o sujeito como um ser sócio-histórico que se constroi nas práticas sociais; e levam em conta a dupla orientação do discurso – dialogismo, na extensão plena desse termo, - como sendo a realidade fundamental da linguagem, constitutivo de todo acontecimento humano e do sujeito:

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve da expressão de *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.³

Bakhtin enfatiza que a orientação da palavra em função do interlocutor - as várias formas de direcionamento do enunciado e as diferentes concepções de destinatários - “tem uma importância muito grande”: são peculiaridades constitutivas, sem as quais não pode haver enunciado.⁴

Em outras palavras, a perspectiva que o autor defende é de que tanto a composição quanto o estilo do enunciado dependem do destinatário e de como o falante percebe e representa esse destinatário para si: qual é a força e influência dele no enunciado, até que ponto ele está a par da situação, se dispõe de conhecimento, suas convicções, concepções, simpatias, antipatias e preconceitos a respeito do ponto de vista que está sendo enunciado:

o falante com sua visão de mundo, os seus juízos de valor e emoções, por um lado, e o objeto de seu discurso e o sistema da língua (recursos lingüísticos), por outro, é o que determina o enunciado, seu estilo e sua composição.⁵

O pensador russo ressalta que essas peculiaridades determinam também os meios de elaboração da “palavra interiormente persuasiva” em sua transmissão e os processos de seu enquadramento num contexto. Esses processos dão lugar a uma interação máxima da palavra do outro com o contexto, à sua influência dialogizante recíproca, ao desenvolvimento criativo da palavra de outrem, às graduações das transmissões, ao jogo das fronteiras, à introdução

³ BAKHTIN, Mikhail (V. N. VOLCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. Trad.: Michel Lahud ; Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1995, p. 113.

⁴ BAKHTIN, Mikhail *Estética da criação verbal*. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 305.

⁵ *Ibidem*, p. 294 -295

⁶ BAKHTIN, Mikhail. O Discurso no Romance. In : _____ *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. Trad.: Aurora Fornoni Bernardini *et al.*, 5. ed. São Paulo : Hucitec – Annablume, 2002. p. 146.

⁷ BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo : Martins Fontes, 2003, p. 301.

⁸ *Ibidem*, p. 275

⁹ BAKHTIN, Mikhail (V. N. VOLOCHINOV) . *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. Trad.: Michel Lahud ; Yara Frateschi Vieira. São Paulo : Hucitec, 1995, p. 110-127.

pelo contexto da palavra alheia. E que esses fatores determinarão a “ativa compreensão responsiva” do destinatário para o enunciado do falante.⁶

A respeito da “ativa compreensão responsiva”, Bakhtin explica que toda enunciação é uma resposta a alguma coisa, ou seja, todo texto prevê uma atitude responsiva do destinatário, seja em forma de ação, de execução, de comportamento, de pensamento, de palavras, de gestos: o ouvinte/leitor ao perceber e compreender o significado lingüístico do discurso passa a ocupar simultaneamente uma ativa posição responsiva (concorda, discorda dele total ou parcialmente, completa-o, prepara-se para usá-lo). E essa posição responsiva se forma desde o início, isto é, às vezes desde a primeira palavra do falante e se desenvolve ao longo de todo o processo de audição/leitura e compreensão. O autor explica, também, que:

a compreensão passiva é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena que se atualiza na resposta subsequente, em voz real alta que pode ocorrer imediatamente na ação ou que pode permanecer como compreensão responsiva silenciosa, com efeito retardado, porque mais cedo ou mais tarde o que foi ouvido e ativamente entendido terá uma resposta nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte.⁷

Bakhtin considera que o próprio falante está determinado a essa compreensão ativamente responsiva: ele espera uma resposta, uma concordância, participação, objeção, execução. Portanto, toda compreensão da fala ativa, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva: gera obrigatoriamente uma resposta – o ouvinte se torna falante.⁸

Podemos dizer, então, que ao considerar o fenômeno social da interação verbal - entre sujeitos historicamente situados - como a realidade fundamental da língua, ou seja, ao considerar que a linguagem caracteriza-se pelo dialogismo, pela pluralência, tornando-se o lugar privilegiado para a manifestação da ideologia, a perspectiva de Bakhtin e seu Círculo⁹ corrobora as abordagens do gênero como categoria de análise histórica, já que segundo essas

abordagens o gênero constitui um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação social, além de ser um meio que propicia a compreensão da natureza recíproca do gênero: como a sociedade constroi o gênero e como o gênero constroi a sociedade.¹⁰

Interdiscursividade e construção de sentidos

A percepção de que os processos interdiscursivos encontram-se de forma difusa nos textos das revistas femininas, destinadas às adolescentes, direcionamos, ainda, às abordagens de Bakhtin, segundo as quais

todo texto apresenta uma multiplicidade de relações dialógicas com outros textos, sendo um intercâmbio discursivo, uma tessitura polifônica na qual confluem, se entrecruzam, se metamorfoseam, se corroboram ou se contestam outros textos, outras vozes, outras consciências.¹¹

Em outras palavras, de acordo com a teoria bakhtiniana, todo enunciado é elaborado a partir de já-ditos - vozes que se entrecruzam no discurso e que são consciências, convicções ou pontos de vista acerca do mundo; todo enunciado apresenta ecos de enunciados do outro com posição valorativa determinada :

cada enunciado é um elo na corrente de comunicação do discurso. Todos os enunciados são povoados e realmente constituídos por parte de enunciados de outros... Nosso discurso é preenchido com palavras de outros... Essas palavras, de outros, carregam com elas a própria expressão dos outros, a própria avaliação deles, que nós assimilamos, trabalhamos de novo e reacentuamos.¹²

A esse respeito, o autor explica que “um dado falante não é o primeiro a ter violado o eterno do universo” - não é um Adão bíblico - não é o primeiro a falar sobre um dado objeto. Seja qual for o objeto

¹⁰ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, 16(2), p. 5- 22, jul./dez. 1990.

¹¹ BAKHTIN, Mikhail. *The dialogical imagination*. Holquist, M. (ed), Trad. C. Emerson ; M. Holquist. Austin; University of Texas Press, 1981, p. 263.

¹² BAKHTIN, Mikhail . *Estética da criação verbal*. 4.ed. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo : Martins Fontes, 2003, p. 294 - 295.

¹³ Ibidem, p.301 – 302.

¹⁴ BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo : Martins Fontes, 2003, p. 297.

¹⁵ KRISTEVA. Julia. Word, dialogue and novel. In: T.Moi (ed) *The Kristeva reader*. Oxford: Basil Blackwell, 1986, p. 39.

¹⁶ FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse and social change*. Cambridge : Polity Press, 1992.

¹⁷ Ibidem, p. 102

¹⁸ Ibidem, p. 133-173

do discurso do falante, esse objeto não se torna pela primeira vez objeto do discurso em um dado enunciado: pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa, mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais seu enunciado entra em relação, baseia-se neles, polemiza com eles. O objeto já está ressalvado, contestado, elucidado e avaliado de diferentes modos e se torna inevitavelmente um palco de encontro com opiniões de interlocutores (imediatos) ou com pontos de vista, visões de mundo, correntes, teorias, etc. que se cruzam, convergem e divergem.¹³

Explica, ainda, que essas reações manifestam-se de diferentes formas: os enunciados dos outros podem ser introduzidos diretamente no contexto do enunciado; podem ser recontados em discurso indireto com um variado grau de reassimilação; podem ser pressupostos em silêncio; a atitude responsiva pode refletir-se somente na expressão do próprio discurso – na seleção de recursos lingüísticos e entonações.¹⁴

Perspectivas de outros autores mostram-se consoantes às abordagens bakhtinianas sobre o dialogismo. Kristeva considera que todo texto se constroi como um “mosaico de citações”, com “a inserção da história (sociedade) em um texto e desse texto na história.”¹⁵, ou seja, que a intertextualidade é um fenômeno que se encontra na base de todo texto, num múltiplo conjunto de práticas sociais. E que, nessa inserção de elementos dentro do texto, constroi-se a rede dialógica da escritura-leitura impregnada das influências do contexto - histórico, econômico, social, literário.

Da mesma forma, Fairclough¹⁶, em suas abordagens da *Análise Crítica do Discurso*, também se manifesta consonante ao conceito de intertextualidade preconizado por Bakhtin e por Kristeva alegando que “textos são inerentemente intertextuais, constituídos por elementos de outros textos”¹⁷. Esse autor, designa o fenômeno de intertextualidade de “intertextualidade de manifesto” (“*manifest intertextuality*”) e “interdiscursividade” (*interdiscursivity*) ou “intertextualidade constitutiva” (*constitutive intertextuality*).¹⁸

“Intertextualidade de manifesto” refere-se aos casos em que textos ou partes de textos específicos são evidentemente redigidos dentro de outro texto, como por exemplo, as representações discursivas em forma de citação, paródia, paráfrase, alusão, como também em forma de ironia e de pressuposição.

Já as expressões “interdiscursividade” ou “intertextualidade constitutiva” são utilizadas pelo autor para designar como um tipo de discurso é constituído por meio de combinações de elementos de “ordens do discurso”.¹⁹ A interdiscursividade explica como as pessoas fazem escolhas discursivas, ou seja, como agem interdiscursivamente lançando mão de tipos de discursos disponíveis. Ao fazer uma seleção dentro de uma série de tipos de discurso, o falante estará lançando mão de escolhas de linguagem. Fairclough sugere, então, que na análise discursiva a intertextualidade/interdiscursividade deve ter um foco de destaque por ser um fator de fundamental importância nos processos de constituição dos sujeitos, das identidades sociais, e como elemento de constituição da história e dos processos de mudança social.

Argumentatividade: Fazer crer e fazer fazer

Os textos das revistas femininas apresentam-se, geralmente, como um gênero discursivo procedimental que traz conselhos e orientações às jovens valendo-se de processos argumentativos marcados por estratégias linguísticas que caracterizam a persuasão, uma vez que objetivam transmitir alguns valores e convencer as leitoras à assimilação e à adesão a um ponto de vista. Em outras palavras, conforme consenso básico existente

o gênero como categoria de análise histórica consiste num trabalho - realizado por toda a sociedade - de ensinar sobretudo na infância, na adolescência e na juventude, os novos *socis* a pautarem suas condutas pelas normas sociais, aquilo que definem por feminino, por masculino e suas relações.²⁰

Segundo as abordagens de Fiorin²¹, nos proces-

¹⁹ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 8 ed. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo : Loyola, 2002.

²⁰ FIGUEIREDO, Vicente Augusto Aquino de. Gênero, patriarcado, educação e os parâmetros curriculares nacionais. In: *Caderno Espaço Feminino* v. 21 n. 1 Jan./Jul. 2009, p.41.

Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/3687/2701>. Acesso em: 27 fev. 2010.

²¹ FIORIN, José Luiz. & SAVIOLI, Francisco. Platão. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1997, p.284 - 285.

²² FIORIN, José Luiz. & SAVIOLI, Francisco. Platão. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1997, p.284 - 285.

²³ *Ibidem*²⁵ BAKHTIN, Mikhail O Discurso no Romance. In: _____ *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. Trad.: Aurora Fornoni Bernardini et al., 5. ed. São Paulo : Hucitec – Annablume, 2002. p. 146.

os de interação verbal o enunciador não pretende apenas fazer saber, mas também fazer crer e fazer fazer. Ou seja, o enunciador não visa somente a que o destinatário receba e compreenda o enunciado, mas também a que o aceite, creia nele e faça o que nele se propõe. Assim, argumentar é lançar mão de procedimentos lingüísticos que tenham o objetivo de persuadir, de agir sobre o outro. Por isso, argumenta-se não só aquilo que é necessariamente correto, mas também o que é possível, provável, plausível. Nesse sentido, todo texto é argumentativo porque todos são, de certa maneira, persuasivos: o interlocutor acredita que os enunciados contêm o mundo real e ou verdadeiro e passa a acreditar neles.

Fiorin lembra que, no que diz respeito aos estudos da persuasão, pode-se dizer que algumas perspectivas teóricas – guardadas suas especificidades – tanto da retórica como da semântica argumentativa, ou da semântica da enunciação possibilitam considerar que persuadir é uma forma de argumentar com objetivo de convencer o destinatário à adesão à ação, à reação diante de uma tese exposta, e que são inúmeros os recursos lingüísticos utilizados com essa finalidade, dentre eles o *argumento de autoridade*.²²

O recurso da autoridade consiste na citação de autores renomados, autoridades num certo domínio do saber, numa área da atividade humana para corroborar uma tese, um ponto de vista. O uso de citações, de um lado, cria a imagem de que o falante conhece bem o assunto que está discutindo, porque já leu o que sobre ele pensaram outros autores; de outro, torna os autores citados fiadores da veracidade de um dado ponto de vista.²³

Tal recurso é largamente utilizado pelas revistas que se destinam ao público jovem feminino: o enunciador constitui alguns locutores como autoridades sobre os conceitos, valores, crenças e pontos de vista que deseja que as leitoras assimilem.

Vale ressaltar que corroborando essas abordagens, Bakhtin considera que a assimilação da palavra de outrem adquire um sentido mais profundo e mais importante no processo de formação ideológica do homem, quando a palavra de outrem se apre-

senta não mais na qualidade de informações, indicações, regras, modelos, etc., mas quando procura definir as próprias bases de nossa atitude ideológica e de nosso comportamento em relação ao mundo. Processo este a que ele denomina de “palavra autoritária” e “palavra interiormente persuasiva”.²⁴

²⁴ BAKHTIN, Mikhail O Discurso no Romance. In: ———— *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. Trad.: Aurora Fornoni Bernardini et al., 5. ed. São Paulo : Hucitec – Annablume, 2002. p. 146.

Pluralidade de Vozes no Discurso Feminino

O corpus de estudo é constituído por um conjunto de enunciados recolhidos da seção Comportamento, das revistas “*atrevida*” e “*todateen*”, de janeiro 1997 a dezembro 1997. A presença de diferentes vozes nos textos dessas revistas promovem uma estreita interação entre os interlocutores, valendo-se de um léxico relevante, de um domínio especializado, configurando-se em ocorrências de interdiscursividade cujo universo de referência é supostamente comum ao enunciador e ao destinatário.

Os locutores constituídos pelas revistas (escritora, garotas e/ou atrizes famosas, garotos bonitos famosos e/ou de prestígio, ídolos reconhecidos como mitos de beleza, personagens históricos e/ou literários) são vozes que se entrecruzam no discurso e que são consciências, convicções ou pontos de vista acerca do mundo. Adquirem status de infalíveis, argumentam e prescrevem normas de conduta, conceitos e valores fazendo com que as adolescentes se identifiquem com o que está sendo apresentado. Mostram-se como autoridade sobre o comportamento da garota que parece ter como meta principal a conquista do garoto.

No diálogo estabelecido, às vezes uma simples alusão introduz um novo significado ao texto, uma nova forma de representar, uma nova história, uma visão ideológica. Dessa forma, a intertextualidade nunca será neutra, mesmo que assim o aparente, pois sempre remeterá, de forma implícita ou explícita, a uma visão de mundo investida de intenções, uma vez que reveste de novas significações a palavra do outro. Nesse sentido, é importante enfatizar que o gênero, como análise histórica, é um dos campos no

²⁵ SAFFIOTI, Heleieth I. B.; ALMEIDA, Suely Souza de. *Violência de gênero: poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995, p. 32.

qual, ou por meio do qual, o poder é primordialmente articulado, funcionando como uma verdadeira gramática sexual que normatiza as condutas masculina e feminina.²⁵

Os enunciados selecionados para análise serão apresentados segundo os locutores constituídos pela revista e segundo a autoridade que representam: autoridade da escritora sobre o comportamento da garota; autoridade da escritora sobre o comportamento do garoto; autoridade de garotas e/ou atrizes famosas; autoridade de jovens garotos; autoridade de referências históricas e/ou literárias.

Autoridade da escritora sobre o comportamento da garota

(1) *“Cada vez que você o vê treme inteirinha. Ele dá uma olhada, você responde com um sorriso. Mas a paquera não rola... Bem que você gostaria de se aproximar do garoto (ele é tão legal!), só não sabe como. Tem jeito de resolver isso? Tem, sim!”* (atrevida, n. 31, mar.)

(2) *“Como quase sempre seu corpo segue o comando da emoção, já que os olhos ficam fixos no gatinho, a garganta seca, a boca não obedece mais a você...”* (todateen, n. 25, dez.)

(3) *“Você está no meio da aula e, de repente, sem saber o porquê, dá uma vontade louca de ligar para ele. Vai correndo até o orelhão mais próximo, mal toca o telefone ele atende: ‘Estava pensando em você.’”* (todateen, n. 18, maio)

(4) *“Você ainda não está certa de que quer realmente namorar o garoto, mas também não pensa em perdê-lo de vista.”* (atrevida, n. 30, fev.)

Evidenciando uma (pseudo) intimidade entre escritora e leitora, os enunciados utilizam de forma intensa o pronome de tratamento “você” que produz um efeito de sentido de simetria, de proximidade e de cordialidade. Mas, paradoxalmente, a enunciação confere à escritora um status de autoridade/superioridade: ela conhece profundamente tudo sobre a identidade da leitora, ou seja, tudo sobre a vida da garota: **seus gostos**: (1) “bem que

você gostaria de se aproximar...”; **suas ações e reações:** (1) “cada vez que você o vê treme inteirinha”, “você responde com um sorriso”, (3) “vai correndo até o orelhão”; **suas emoções:** (2) “a garganta seca, a boca não obedece mais...”; **seus pensamentos:** (3) “estava pensando em você”, (4) “você ainda não está certa de que quer realmente namorar”, “não pensa em perdê-lo de vista”.

Dessa forma, o comportamento da garota (gestos, ações, reações, emoções e pensamentos) é tratado como senso comum, de modo categórico, como se toda adolescente se comportasse do mesmo modo. Reforça-se a autoridade da escritora, nesse caso exercida quase que de forma direta, pois usa proposições entre o “sim” e o “não”, entre o “é” e o “não é”²⁶, que revelam um alto grau de modalidade e, ao mesmo tempo, afinidade com a leitora e com o que está sendo dito, com o intuito de convencer a leitora sobre os valores e crenças que estão sendo transmitidos.

Além disso, os enunciados que utilizam a forma verbal no presente do indicativo mostram-se com valor de verdade universal e acentuam a validade daquilo que está sendo dito, pois apresentam alto grau de certeza: (1) “vê”, “treme”, “dá”, “responde”, “não rola”, “não sabe”; (2) “segue”, “ficam”, “seca”, “não obedece”; (3) “está”, “dá”, “vai correndo”, “toca”, “atende”; (4) “não está”, “quer”, “pensa”. Assim sendo, o tempo verbal apresenta-se, aqui, mais como indicador de polaridade do que de temporalidade.

Da mesma forma, podem ser observados outros enunciados cujas escolhas lexicais atribuem autoridade à escritora como sábia conhecedora da subjetividade da adolescente e sabedora de como lidar com tudo isto: identidade, vida física, vida psíquica, autoconhecimento, preocupações, fantasmas, sexualidade, dúvidas, paqueras, timidez, etc:

(5) “Com a identidade ainda não fortalecida, nem física e nem psíquica, (sic) a adolescente fica sem saber qual é a dela no mundo e quais suas condições para enfrentar situações novas.” (todateen, n. 14, jan.)

²⁶ OSTERMANN, Ana Carolina. “Bonita de doer: análise crítica do discurso em revistas para meninas adolescentes”. *The Specialist*, São Paulo : PUCSP, v.16, n. 1-2., p. 151-162. 1994.

(6) *“Numa fase de autoconhecimento, de busca de identidade, cresce a preocupação em agradar, em se expor. Supernormal.”* (todateen, n. 14, jan.)

(7) *“Outro fantasma que povoa a cabeça das adolescentes é em relação à sexualidade. As dúvidas sobre a primeira vez, a desinformação e os mitos sobre sexo são muitos, deixando a cabeça de qualquer pessoa em parafuso.”*(todateen, n. 14, jan.)

(8) *“Ninguém precisa aprender a paquerar. É instintivo. Você pode ser tímida e morrer de vergonha de tudo, mas na hora H vai saber direitinho o que fazer.”* (atrevida, n. 30, fev.)

Percebe-se que todos os aspectos da vida da adolescente/leitora são de amplo conhecimento do locutor - constituído pela revista - que sutilmente e amigavelmente arrola informações, para formar opiniões. Esses enunciados legitimam o exercício de quem detém conhecimento e poder direcionando o discurso com um apelo à busca de identidade, mas ao mesmo tempo instigando a jovem a se ver como todas as outras pessoas: (6) “Supernormal” ; (7.) “fantasma que povoa a cabeça das adolescentes”... “deixando a cabeça de qualquer pessoa”;(8) “Ninguém precisa aprender... É instintivo”. Assim, há também o convite à massificação que reduz as leitoras a um senso comum, impossibilitando-lhes alguma discordância.

Autoridade da escritora sobre o comportamento do garoto

A escritora mostra-se também conhecedora de todos os gostos e desejos do jovem garoto que é a razão de todos os anseios e de todos os esforços da garota. Certamente, se esta quiser conquistar o garoto, terá que recorrer à revista para saber o que eles pensam e esperam das meninas. E a revista certamente conta com a resposta do destinatário que, além de se espelhar nos modelos apresentados, irá consumir a própria revista e os produtos ali divulgados.

(9) *“Da mesma forma que existem caras responsáveis e bem intencionados, também há aqueles que só querem aproveitar o lance por uns tempos, transar e*

depois pular fora sem se preocupar com os sentimentos da garota.” (todateen, n. 15, fev.)

(10) *“Os meninos adoram se sentir diferentes (o mesmo acontece com as garotas, certo?) assim, dê um tratamento todo especial a ele, diferente daquele que dá aos seus amigos.” (todateen, n. 25, dez.)*

(11) *“Os meninos, embora sempre digam o contrário, não são fáceis de serem ‘decifrados’. Só que, baseada na ciência do comportamento humano e da própria experiência, a redação da ‘atrevida’ resolveu fazer um manual para ajudá-la não só a compreender, mas também a conviver melhor com eles.” (atrevida, n. 39, nov.)*

(12) *“E com os garotos não é diferente... Eles também vivem reclamando da tal complexidade da alma feminina. Garantem que são incompreendidos e que as meninas às vezes tiram eles do sério.” (atrevida, n. 29, jan.)*

Os enunciados deixam claro que a escritora conhece bem as características do garoto no que diz respeito ao seu comportamento e aos seus sentimentos. E como o garoto é o alvo primeiro de conquista para a adolescente, esta é encorajada pela escritora a (10) “dar um tratamento todo especial a ele”. Aqui, vale ressaltar que um dos papéis sociais determinados para a garota e que aparece de forma naturalizada ao longo dos textos é o de servidão diante do garoto.

Para garantir a imposição dos ensinamentos e a aceitação por parte da garota, a escritora alega estar baseando-se na (11) “ciência do comportamento humano e na própria experiência”. Pode-se perceber que a linguagem utilizada pelo enunciador se confunde com a realidade e dá ao discurso um cunho de verdade cientificamente comprovada, torna tudo natural, facilita a veiculação de conceitos, valores e opiniões, não deixando brechas para dúvidas ou contestações. Diante desse efeito persuasivo, terá, a adolescente, preparo e coragem para questionar ou contestar alguém tão experiente e tão conhecedora da “ciência do comportamento humano”, como a escritora?

Além de se mostrar conhecedora de tudo sobre a jovem adolescente e sobre o garoto, a autora/revista constitui outras vozes, outras autoridades, que tam-

²⁷ BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth (org.) *Bakhtin: outros conceitos chave*. São Paulo: Contexto, 2006, p.22.

²⁸ BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo : Martins Fontes, 2003, p.23

bém passarão valores e construirão imagens aos destinatários.

Autoridade de garotas e/ou atrizes famosas

Por meio dos enunciados percebe-se que a identidade da garota é construída a partir de um discurso social, político, econômico que tem por objetivo atender e se adequar às necessidades e mitos de uma determinada sociedade, em um momento histórico específico. Isso nos lembra os dizeres de Brait: “o outro é condição *sine qua non* para a existência do ‘eu’ ”²⁷, e de Bakhtin: “ devo identificar-me com o outro e ver o mundo através de seu sistema de valores, tal como ele o vê: devo colocar-me em seu lugar, e depois, de volta ao meu lugar, completar seu horizonte com tudo o que se descobre do lugar que ocupo”.²⁸

(13) “*Conheça a história de algumas atrizes que já passaram por isso – e veja como elas resolveram o problema.*” (atrevida, n. 36, ago.)

(14) “*Se você está nesse impasse, confira o depoimento de oito garotas (atrizes) que já passaram por essa. Entre elas, Patrícia Luchesi, Carolina Dieckman e Lavínia Vlasak.*” (atrevida, n. 33, maio)

(15) “*Frustrações desse tipo acontecem com todo mundo, a toda hora. As atrizes Fernanda Rodrigues, Taís Araújo, Débora Secco e Georgiana Góes contam como aprenderam a lidar com situações assim.*” (atrevida, n. 36, agos.)

Como se vê, a escritora apresenta às leitoras, de forma bastante explícita, as atrizes (que são símbolos de beleza, de feminilidade e de sensualidade), com as quais a leitora deverá se identificar. Tais atrizes irão contar suas histórias e fazer depoimentos por meio de pequenas narrativas. Com isso, a revista pretende ensinar a garota a resolver seus problemas da mesma forma que as atrizes famosas resolveram: (13) “veja como elas resolveram o problema”; (15) “contam como aprenderam a lidar com situações assim”.

Nos enunciados de número 16, 17 e 18 apresenta-se a própria voz das atrizes (uso do discurso direto) fazendo com que a jovem adolescente coloque-se no

lugar dos locutores e veja o mundo através dos valores construídos por esses locutores, pois é a voz de alguém mais experiente, que se apresenta como especialista no assunto e, portanto, como autoridade e modelo a ser seguido.

(16) *“Depois de dois meses do primeiro encontro, estávamos morando juntos... Eu já tinha namorado outra pessoa mais velha do que eu e acho que, para mim, isso é uma necessidade. Eu preciso de alguém que tenha muita segurança e que me respeite muito.”* Mylla Cristie, 25 anos, atriz. (*todateen*, n. 15, fev.)

(17) *“Decidimos fazer uma viagem para comemorar meu aniversário. Foi tudo tranqüilo, ainda mais porque ele me dava essa segurança... Na época eu nem era bonita. Me achava magricela demais, tinha bons motivos para morrer de insegurança.”* Cássia Linhares, 23 anos, atriz. (*atrevida*, n. 33, maio)

(18) *“A história que mais me fez sofrer foi o rompimento com meu namorado, depois de cinco anos de relacionamento. Fiquei muito mal. Virei uma pessoa triste, não sorria e vivia em eterna depressão. Precisei até procurar um terapeuta.”* Georgiana Góes, 20 anos, atriz. (*atrevida*, n. 36, agos.)

As narrativas das atrizes e os detalhes aí contidos - conceitos, valores e crenças - são estratégias de alto envolvimento entre interlocutores, uma vez que o falante relata experiências pessoais, acontecimentos de sua vida íntima, encontros, viagens, etc. que expressam emoções e sentimentos e são compartilhados com as leitoras. Os detalhes conferem um sentido de autenticidade, favorecendo a compreensão da história e fazendo com que a leitora tenha a ilusão de conhecer o ídolo e de participar de sua vida. Assim a sensação de intimidade atenua a distância social e tudo isso exerce um papel significativo para a assimilação de valores que são passados à leitora.²⁹

Autoridade de jovens garotos

Assim como a autora apresenta garotas famosas e suas falas, apresenta, também, garotos e suas opi-

²⁹ T A N N E N , Débora. *Talking, Voices, repetition, dialogue and imageri*. In : *Conversational discourse*, Cambridge : Cambridge University Press, 1989. BUTONI, D.H.S. *Mulher de papel* : a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. SãoPaulo : Loyola, 1981.

niões sobre as meninas, com a finalidade de dar maior veracidade ao discurso, visando ao engajamento da leitora naquilo que é dito e, conseqüentemente, na compra da revista.

(19) *“ATREVIDA foi para as ruas descobrir o que os **meninos** gostariam que as garotas soubessem. Leia já os resultados.”*(*atrevida*, n. 29, jan.)

(20) *“Por que será que eles agem assim? Conversamos com **vários garotos** para desvendar esse mistério...”* (*atrevida*, n. 35, jul.)

Os enunciados (19) e (20) deixam transparecer um clima de cumplicidade entre escritora e leitora, pois a revista alega que conversou com vários garotos para (19) “descobrir” o que eles gostariam que as meninas soubessem, e para (20) “desvendar o mistério” que permeia certas atitudes dos meninos.

A forma como a revista apresenta os garotos aguç a curiosidade da menina que precisará da medição da revista – a aquisição do produto de consumo - para aprender tudo o que deverá fazer e como deverá comportar-se para atingir o objetivo de conquistar o garoto.

(21) *“Ao contrário do que a maioria das meninas imagina, os homens detestam aquelas que se insinuam demais, que usam roupas muito decotadas e saias minúsculas.”* Fábio Roberto de Oliveira, 18 anos, estudante. (*atrevida*, n. 29, jan.)

(22) *“Outra coisa que tira qualquer homem do sério é o ciúme ou desconfiança. É incrível, mas hoje em dia as meninas estão sempre com um pé atrás. Que coisa chata!”* Henrique Furman, 22 anos, modelo. (*atrevida*, n. 29, jan.)

(23) *“Assumir compromisso é muito chato... É muita cobrança! Além disso, as garotas andam muito ousadas, elas estão assediando muito os meninos. Por isso é melhor ficar”.* Daniel de Figueiredo Ramos, 15 anos. (*atrevida*, n. 35, jul.)

(24) *“Só consigo namorar no máximo um mês. Menina pegando no pé enche o saco! Só aceito namorar se a garota for muito bonita, pois isso dá a maior moral na turma. Entre os meninos, rola muita competição. “*

Eduardo Rodrigues, 16 anos. (atrevida, n. 35, jul.)
 (25) *“Mas a gata que realmente me conquista é a sincera, inteligente e bonita. Ah, também tem que ter uma cabeça legal, não ter mau hálito, saber beijar bem, não ter ciúme, ser sincera e não muito metida”*. Phillippe Bernard, 17 anos. (todateen, n. 16, mar.)
 (26) *“Pra me conquistar, é preciso, antes de tudo, ser uma pessoa com a qual me identifico, ou seja, bastante extrovertida, bem humorada, que tenha o raciocínio rápido e esteja sempre atendida com o mundo, principalmente com o meu”*. Fernando Sing, 24 anos. (todateen, n. 16, mar.)

³⁰ SAFFIOTI, Heleieth I. B.; ALMEIDA, Suely Souza de. *Violência de gênero: poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995, p. 32.

As falas dos garotos - discurso direto - ditam normas de conduta, constroem imagens e perpetuam estereótipos com os quais a adolescente deve se identificar. São usados muitos itens avaliativos que apresentam um alto grau de juízo de valor com a finalidade de emoldurar a jovem em um lugar de aceitação e de submissão: (21) não se insinuar demais nem usar roupas muito decotadas e saias minúsculas a fim não ser detestada pelo garoto; (22), (23) e (24) não ter ciúme ou desconfiança, não fazer cobranças, não assediar o garoto, não pegar no pé para não ser chata, para “não encher o saco” e para não tirá-lo do sério; (25) e (26) ser bonita, sincera, inteligente, ter uma cabeça legal, não ter mau hálito, saber beijar bem, ser sincera para que consiga conquistar o garoto. Importante lembrar, aqui, as abordagens de Saffioti³⁰ ao levar em consideração o gênero – categoria de análise histórica - como uma gramática sexual, reguladora das relações homem-mulher.

Autoridade de referencia históricas e/ou literárias

Além da autoridade da escritora, das atrizes/modelos e dos garotos famosos, a autora usa outros intertextos, de diferentes esferas da atividade humana, para passar conceitos e valores e tentar persuadir a leitora. O gênero, como categoria histórica, pode ser aqui concebido, segundo Scott, como símbolos culturais evocadores de representações, conceitos normativos como grade de interpretação de

³¹ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, 16(2), p. 5-22, jul./dez. 1990.

significados, organizações e instituições sociais, identidades.³¹

(27) *“É mais ou menos como naquele velho ditado: ‘quem vai com muita sede ao pote se lambuza’...”* (atrevida, n. 37, set.)

(28) *“Você já ouviu dizer que ‘os olhos são o espelho da alma’? Pois a frase não é apenas papo de poeta. É com o olhar que tudo começa...”* (atrevida, n.º 38 - outubro)

(29) *“É melhor não esquecer que na conquista e fora dela também – a descrição ‘é a alma do negócio’.”* (atrevida, n. 38, out.)

(30) *“As garotas precisam aprender a ‘separar o joio do trigo’.”* Thiago Santana, 15 anos, estudante. (atrevida, n. 29, jan.)

(31) *“Como quem não quer nada, pergunte ao garoto se ele é bom em Física porque você gostaria de saber um pouco mais sobre a ‘Teoria da Atração dos Corpos’.”* (atrevida, n. 30, fev.)

(32) *“‘Cuidado, artigo frágil!’ Não é porque você conseguiu namorar o garoto de seus sonhos que agora não vai prestar atenção a certas coisas e acabar pisando na bola.”* (atrevida, n. 30, fev.)

(33) *“Lembra-se do Narciso, aquele deus da mitologia grega que se apaixonou pela própria imagem refletida no lago e acabou se afogando? Pois o nosso bonitão deixa o Narciso no chinelo.”* (atrevida, n. 39, nov.)

(34) *“Ser tímida é padecer no paraíso das festas, das danceterias e dos agitos, geralmente num cantinho, porque quanto mais escondida melhor.”* (todateen, n. 14, jan.)

(35) *“A história de que ‘no amor e na guerra vale tudo’, é furada”.* (atrevida, n. 38, out.)

(36) *“Está sempre defendendo teorias do tipo ‘homem é mais inteligente que mulher’, ‘lugar de mulher é na cozinha’ e outras bobagens assim.”* (atrevida, n. 39, nov.)

Os enunciados em negrito (os grifos são meus) são ocorrências de intertextualidade tais como: alusão a provérbios, a frases estereotipadas, a fórmulas religiosas; citações; paráfrases e apropriações.

Constituem-se em vozes argumentativas que constroem sentidos e têm efeito persuasivo sobre a leitora uma vez que são convicções ou pontos de vista acerca do mundo. Esse recurso oferece ao falante a possibilidade de tirar conseqüências de uma asserção cuja responsabilidade ele pode não assumir diretamente, atribuindo-a a um enunciador estranho.

Sabe-se que os provérbios conferem uma espécie de autoridade que provém da sabedoria dos antigos; assim, pode-se atribuir a afirmação pressuposta a um consenso, pois como tal afirmação implica juízo de valor, pode apoiar-se na voz pública.³² A escritora se apaga diante de um enunciador superlativo que garante a validade do que está sendo dito, pois geralmente trata-se de enunciados já conhecidos por uma coletividade e já consagrados pela intangibilidade.³³

(37) *“Tudo o que é seu, meu bem
Também pertence a mim
Vou dizendo agora tudo
Do princípio ao fim
Da sua cabeça até
A ponta do dedão do pé
Tudo que é seu, meu bem
É meu, é meu, é meu”*
(Roberto e Erasmo Carlos)
(*todateen*, n. 16, mar.)

Por meio da voz de cantores famosos a autora mostra a possessividade do sexo masculino sobre o feminino, como se a garota não fosse senhora nem de seu próprio corpo - “Da sua cabeça até a ponta do dedão do pé... é meu, é meu, é meu.”

(38) *“A BELA E A FERA”*
*“Ela é doce, bela e encantadora. Ele... um monstro!
Quem consegue imaginar que daí pode sair uma das
mais emocionantes histórias de amor? E pior, o cenário
é um castelo sombrio e assustador onde se esconde
o misterioso Fera (...) Com a ajuda de bules, xícaras,
relógios e castiçais, Bela fica cada vez mais próxima de
Fera e descobre nele um grande coração.*

³² GREIMAS, Algirdas Julien. *Semiótica do discurso científico da modalidade*. São Paulo : DIFEL, 1976.

³³ MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas : Pontes, 1997.

E, quando o amor finalmente consegue tomar conta dos pombinhos, o feitiço se quebra: o monstruoso Fera se transforma em um belo príncipe.

Viu? Essa história nos dá uma grande lição: a verdadeira beleza vem de dentro e pode se manifestar a qualquer hora. Além do que, o amor transforma os corações. E que transformação, hein?” (todateen, n. 17, mar.)

Pelos enunciados já vistos ao longo de nossa análise, pode-se perceber que a beleza é um aspecto a que a revista dá grande destaque para a construção da imagem da adolescente que pretende conquistar o garoto. Já, para o menino, não se impõe nenhum padrão de beleza. Aliás, parece estar implícito que ele pode ser feio como na história “*A Bela e a Fera*”, pois a lição que é dada às meninas é de que a “verdadeira beleza” vem de dentro. Assim, certamente, o garoto não precisa se preocupar com a aparência externa, pois, ao contrário da menina, mesmo se ele for feio, será bem aceito pelas garotas.

(39) “*MAS E AQUELAS DIFERENÇAS?*”

“É, não são só essas diferenças “de fora” que a gente tem que superar, não. As diferenças de pensamento e comportamento também afligem os corações dos casais.

Assim como as diferenças de grana, raça, maneiras de vestir, religião, futebol e música, a gente tem que aprender a aceitar as diferenças no jeito das pessoas serem. E essas são as mais difíceis de encarar.

*No mundo dos desenhos, temos *Olívia Palito* e o *Popeye* para nos dar uma lição de amor. O marinheiro movido a espinafre faz de tudo para não perder a magricela *Olívia*, que esbanja doçura e sabe muito bem como lidar com o jeito macho do seu forte namorado.*

E você? Sabe lidar com as diferenças no namoro ou vive irritada porque seu namorado é muito devagar? Não consegue vê-lo conversar com seus amigos, porque ele fala demais? Vive cutucando ele para não dar opiniões na hora das conversas com sua família?

O grande lance é começar a prestar mais atenção e cuidar melhor do seu gato e dos seus sentimentos. Perfeição não existe, viu?” (todateen, n. 17, abr.)

Aqui, novamente o discurso androcêntrico: parece que diferenças que têm de ser superadas entre o garoto e a garota, são apenas as da garota, pois por meio da lição de amor dada pela referência ao casal *Olívia Palito* e *Popeye*, utilizaram-se itens lexicais que deixam explícita a imagem com que a jovem deve se identificar: ter “doçura” para lidar com o “jeito machão” do namorado; a idéia de “brandura” para ela e de “fortaleza” para ele. Segundo o intertexto, não existe perfeição, mas deve-se tentar superar as diferenças materiais - “grana”, raça, maneira de vestir, religião, futebol, música - como também aprender a “aceitar” as diferenças de pensamento e de comportamento entre o garoto e a garota. Ou seja, isso é válido apenas para a garota, já que jamais ela deverá se irritar com o jeito de ser do garoto; deverá “prestar atenção” e “cuidar melhor do gato e dos seus sentimentos”. Ao que tudo indica, ela deve buscar superar as suas próprias imperfeições, mas o garoto não.

(40) “UMA QUESTÃO DE ÓTICA”

“Certo e errado. Bom e ruim. Bonito e feio. São coisas opostas, não são? Mas a gente é muito extremista. O legal é não levar nem para um lado, nem para o outro. É procurar o equilíbrio. Cada um percebe o mundo de uma forma diferente. O que você acha errado, pode ser legal para seu gatinho, e vice-versa. O lance é deixar de ser radical e se abrir para novas oportunidades que a vida traz. Isso quer dizer: as diferenças existem para a gente aprender a ser menos radical e ver as coisas de outra maneira. Seu gatinho parece muito relaxado? Por que não aproveita a oportunidade para aprender com ele a ser menos encanada? Para ele, você pode parecer neurótica demais. Já pensou nisso? E, isso é só um exemplo, mas serve para muitos outros que perturbam os casais. Você deve ter um monte, não é? A solução é conversar muito com o gatinho. Dar sua opinião sobre o jeito dele ser é até legal, mas não pegue demais no pé. Relaxe e tenha calma, que, depois de alguns atritos, vocês conseguem achar o equilíbrio...”
(todateen, n. 17, abr.)

Esse texto menciona a busca do “*equilíbrio*”, mas aponta apenas como a jovem deve fazer: “não ser radical com o gatinho”, mas sim “aprender com ele a ser mais relaxada, menos encanada”, “não pegar demais no pé” para não se aparentar “neurótica” diante dos olhos dele. Subentende-se, aqui, que se a garota deve aprender com o menino, adaptando-se a ele para buscar o equilíbrio; ele, no entanto, não precisa buscar nada: basta continuar sendo do jeito que é, pois serve até de exemplo para a menina.

(41) “*MASCULINO X FEMININO: YING X YANG*”
“Segundo a filosofia oriental, o mundo todo é feito de energias opostas. E o mais importante: um não existe sem o outro.

Essas energias são Ying e Yang. Ying é o feminino - existe em maior parte nas mulheres - e que está mais ligado à intuição, sentimento, passividade, relaxamento, repouso, natureza, e ao coração.

Não estão muito enganados aqueles que dizem que as gatinhas são mais sentimentais do que os garotos, mas as mulheres também têm características Yang, o que varia de uma para outra. Você é muito racional? É mais ativa do que o seu gato? (...)

Yang é ação, razão, lógica ao invés de intuição, tensão e não muito amiga da natureza. O gatinho que adora fazer trilhas e acampar por aí, ele tem o Ying forte dentro dele. Pode crer!” (todateen, n. 17, abr.)

Com a utilização do intertexto da filosofia oriental, novamente são impostos estereótipos sexistas, por meio de escolhas lexicais que são colocadas em dois blocos: a jovem adolescente, deve ser portadora das características que se identifiquem com Ying - **passividade** (submissão, dependência), **relaxamento, repouso, e intuição** (ilogicidade, superficialidade), **sentimento** (não se valoriza a inteligência e o uso do raciocínio). Já, o garoto deve se identificar com Yang - **ação** (mandar, comandar, decidir), **razão** (valorização do raciocínio, da inteligência, da lógica). Se bem que, a autora aqui não é tão incisiva, pois admite que a mulher tem também características Yang e o homem características Ying.

(42) “CADA VEZ MAIS PERTO”

*“Todas as cartas de
amor são ridículas.
Não seriam cartas
de amor se não
fossem ridículas.
Também escrevi em
meu tempo
cartas de amor, como as
outras,
Ridículas.
As cartas de amor, se há amor,
têm que ser ridículas.
Mas, afinal,
Só as criaturas que nunca
escreveram
Cartas de amor
É que são ridículas.*

(Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa).” (*todateen*, n. 18, maio).

(43) “Veja algumas ‘ridículas’ e famosas cartas de amor:”

“Há onze noites que não durmo, que sufoco e acredito morrer a cada instante. O médico mandou que não me deixassem tocar a pena. Julie Duprat, que cuida de mim, permite-me ainda escrever algumas linhas a você. Será que você não volta antes que eu morra? Estará tudo acabado eternamente entre nós? Acho que, se você voltasse, eu ficaria boa. Para que me curar?”

(A doente de amor é Marguerite Gautier, que escreveu esta carta para Armand Duval, personagem do romance *A Dama das Camélias*, em Paris, 1847).” (*todateen*, n. 18, maio).

Partindo do poema de Fernando Pessoa e mostrando uma carta da obra “A Dama das Camélias”, a escritora deixa claro que o rompimento amoroso pode deixar a jovem tão doente que poderá chegar “à beira da morte”. E, que só com a volta do amado, a cura seria possível (“se você voltasse eu ficaria boa”) e teria sentido (“para que me curar?”).

(44) “ *Não consigo trabalhar mais. Não consigo parar de pensar em você. Preciso escrever-lhe. Amado caríssimo, você não está ao meu lado, mas todo o meu ser está pleno de você. Pode parecer-lhe estranho, até mesmo ridículo, que eu esteja escrevendo esta carta. Afinal, estamos a dez passos um do outro e nos vemos três vezes por dia.*

(Esta carta foi escrita na Suíça, em 1897, pela superapaixonada Rosa Luxemburgo, militante comunista, a seu amado Leo Jogiches). ” (*todateen*, n. 18, maio).

Quando o amado não está perto, a amada não consegue fazer nada. Só a presença dele dá sentido aos acontecimentos.

(45) “ *Você pode sonhar ou mandar para seu gato na próxima cartinha:*”

“Tô com saudade de tu, meu desejo

Tô com saudade do beijo e do mel,

Do teu olhar carinhoso

Do teu abraço gostoso

De passear no teu céu

É tão difícil ficar sem você

O teu amor é gostoso demais

Teu cheiro me dá prazer

Eu quando estou com você,

Estou nos braços da paz...

(Dominginhos) ” (*todateen*, n. 18, maio)

Na sugestão de um trecho da música, para a menina enviar ao “gato”, novamente a imagem de que é difícil para a garota ficar longe do garoto (“é tão difícil ficar sem você”), e só quando está com ele consegue estar feliz (“quando estou com você estou nos braços da paz”).

Considerações finais

Com base nos dados obtidos, constatamos que a incorporação constante de vozes de diferentes locu-

tores constituídos pela revista – *escritora, garotos, artistas, manequins, terceiros, opinião pública*, dentre outros, comprova que “o dialogismo é elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem”³⁴ e evidencia como os processos interdiscursivos instaurados historicamente determinam a constituição do discurso e do sujeito, a produção de efeitos de sentido e que essa relação interdiscursiva parece encontrar ressonância junto às leitoras que tendem a adotar comportamentos cuja referência está centrada no discurso do outro.

Os enunciados reforçam preconceitos e estereótipos e formam uma estrutura de valores como se fossem verdades únicas e inquestionáveis que passam a dirigir a vida da garota, estabelecendo-se, assim, uma relação hegemônica da revista/instituição para com a leitora. Para camuflar essa hegemonia e para eliminar qualquer marcador explícito de poder, a autora usa estratégias lingüístico-discursivas, enunciativo-interativas com estilo conversacional, com simulação de informalidade e de solidariedade, o que cria a ilusão de proximidade, de simetria social e de compartilhamento de idéias entre locutores e destinatário, mas, na realidade, o sistema dicotômico que opõe homem e mulher, constitui um meio persistente e eficaz de dar significação e legitimação ao poder.

Como se pode perceber, a intertextualidade permite que o autor fale, faça-se ouvir, revelando pontos de vista sobre o mundo ou posicionando-se diante da realidade. Visa a atrair a atenção a fim de provocar ou aumentar a adesão da leitora, criar convicções e induzir à ação. A própria escolha do texto já representa uma postura ideológica e, portanto, de grande importância para a construção de significados.

A análise da interdiscursividade via intertextualidade, e da dimensão argumentativa dos enunciados selecionados - a princípio considerados neutros, cordiais e inócuos por leitores mais ingênuos - mostra traços que permitem reconhecer os efeitos de sentido pretendidos pelo enunciador e pelos locutores por ele instituídos, além de permitir

³⁴ BRAIT, Beth. “A natureza dialógica da linguagem: formas e graus de representação dessa dimensão constitutiva” In: CASTRO, Gilberto et al.. (org.). *Diálogos com Bakhtin*. 4 ed. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2007, p.69.

³⁵ BRAIT, Beth. A construção do sentido: exemplo fotográfico persuasivo. In : *Líbero* - Revista do Programa de Pós Graduação da Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, v. 6, n. 11, p. 44-49, 2003.

identificar a influência e manipulação que o enunciador pretende exercer nos leitores, por meio dos processos de persuasão.³⁵

De certa forma, percebe-se que as leitoras estão sendo induzidas a uma carga de valores, de condutas, de atitudes e de comportamentos de acordo com as orientações machistas recebidas por meio da leitura dessas revistas que serão consumidas tanto mais quanto a garota for encontrando respostas para suas incertezas, inseguranças e dúvidas quanto à conquista do garoto e quanto à maneira de conviver bem com ele, o que parece ser o foco principal do discurso veiculado nas revistas analisadas.

Enfim, é inegável poder e o papel da mídia impressa dirigida às jovens adolescentes na produção, circulação e recepção de discursos - nos processos de constituição dos sujeitos, das identidades sociais, e como elemento de constituição da história e dos processos de mudança social.

Referências Bibliográficas

AMORIM, M. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, Maria Teresa; SOUZA, Solange Jobim; KRAMER, Sônia (org). *Ciências humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2003, p.18.

BAKHTIN, M. ; VOLOCHINOV, V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad.: Michel Lahud ; Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1929 - 1995.

_____. O Discurso no Romance. In : _____ *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. Trad.: Aurora Fornoni Bernardini et al.5. ed. São Paulo : Hucitec – Annablume, 2002. p. 71-210.

_____. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. *The dialogical imagination*. Holquist, Michael. Trad. Caryl Emerson; Michael; Holquist. Austin : University of Texas Press, 1981, p. 263.

BAKHTINE, M. *Esthétique de la création verbale*. Trad.: d'

Alfreda Aucouturier. Paris : Gallimard, 1984, p. 103.

BRAIT, B. "A natureza dialógica da linguagem: formas e graus de representação dessa dimensão constitutiva" In: CASTRO, Gilberto et al.. (org.). *Diálogos com Bakhtin*. 4 ed. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2007, p. 69.

_____. "Leituras, significações, efeitos de sentido". In : *Líbero* - Revista do Programa de Pós Graduação da Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, v. 6, n. 11, p. 37-43, 2003.

_____. "A construção do sentido: exemplo fotográfico persuasivo". In : *Líbero* - Revista do Programa de Pós Graduação da Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, v. 6, n. 11, p. 44-49, 2003.

BUITONI, D.H.S. *Mulher de papel* : a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo : Loyola, 1981.

FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change*. Cambridge : Polity Press, 1992.

FIGUEIREDO, V. A. A. Gênero, patriarcado, educação e os parâmetros curriculares nacionais. In: Caderno Espaço Feminino ,v. 21 n. 1 Jan./Jul. 2009, p. 41. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/3687/2701>> Acesso em: 27 fev. 2010.

FIORIN, J. L. & SAVIOLI, F. P. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1997.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso* . 8 ed. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo : Loyola, 2002.

GREIMAS, J. *Semiótica do discurso científico da modalidade*. São Paulo : DIFEL, 1976.

KRISTEVA, J. Word, dialogue and novel. In: T.Moi (ed) *The Kristeva reader*. Oxford: Basil Blacwell, 1986, p. 34-61.
MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do*

discurso. Campinas: Pontes, 1997.

OSTERMANN, A.C. “Bonita de doer: análise crítica do discurso em revistas para meninas adolescentes”. *The Specialist*, São Paulo : PUCSP, v.16, n. 1-2., p. 151-162. 1994.

SAFFIOTI, H. I. B.; ALMEIDA, S. S. *Violência de gênero: poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995, p. 32.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, 16(2), p. 5- 22, jul./dez. 1990.

TANNEN, D. Talking, Voices, repetition, dialogue and imageri In : *Conversational discourse*, Cambridge : Cambridge University Press, 1989.